



PSICANÁLISE ALÉM DOS MUROS

COSTA, Yasmin Oliveira¹. SERAFIM, UrisAntônio.¹ CANEDA, Cristiana Rezende Gonçalves ².

¹Acadêmico(a) do Curso de Psicologia. UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, Campus de Santa Maria. heyasmin97@gmail.com

¹Acadêmico(a) do Curso de Psicologia. UNIVERSIDADE LUTERANA DO BRASIL, Campus de Santa Maria.

²Docente do Curso de Psicologia. ULBRA.

RESUMO:

O presente artigo, através de uma pesquisa bibliográfica, visa uma apresentação conceitual do campo de estudo do desenvolvimento humano desde a infância, levando em consideração perspectivas de como a psicanálise fora dos muros pode impactar e agir em âmbitos sociais adoecidos. A partir disso é apresentada a funcionalidade da Casa dos Cata-Ventos, instituição fundada tendo como referencia o modelo francês da Maison Verte, criada por Françoise Dolto, o qual disponibilizava um espaço de acolhimento para crianças de até três anos e seus pais, caso desejassem ter uma alternativa aos centros urbanos e um suporte para lidar com o desenvolvimento de seus filhos. Além de trazer para as crianças um modelo de mundo compartilhada diferente do comumente apresentado, o qual as individualidades não seriam tão exploradas e a criatividade seria descoberta de forma diferente por conta do convívio inserido na sociedade. A Casa dos Cata-Ventos por sua vez, localizada em um território da cidade de Porto Alegre chamado Vila São Pedro, nome oriundo da proximidade com o Hospital Psiquiátrico São Pedro. Traz uma proposta de trabalho envolta por realizar um dispositivo do qual as crianças e adultos possam se utilizar para ampliar suas chances de viver de modo mais autônomo, criativo e satisfatório possível. O funcionamento da instituição é o de disponibilizar para as crianças e moradores, a possibilidade de frequentar o lugar de acordo com a sua demanda. Deixando claro que o local não se trata de uma escola, ou creche, e sim um local que acolhe a quem quiser chegar, na medida em que o diálogo se faz necessário. Através dos conhecimentos da equipe formada por profissionais que trazem um intermediário de trabalho entre a pedagogia e a clínica psicanalítica, é possível promover espaços além dos muros, com o intuito de trazer o dialogo na medida em que necessário.

Palavras-chave: Psicanálise, Infantil, Espaços Públicos.



INTRODUÇÃO

Françoise Dolto, psicanalista francesa, em 1979, propôs e implantou uma experiência que teve reflexos no Brasil. Dolto inaugura a Maison Verte atento para a enorme quantidade de crianças que, a partir do início da vida escolar, eram encaminhadas para ela. Neste sentido, sua preocupação era à prevenção de patologias que poderiam se manifestar nas crianças após o ingresso na vida escolar, a fim de evitar que certas experiências marcantes do início da vida viessem a cristalizar-se em sintomas. Foi assim que surgiu a “Maison Verte” com a finalidade de prevenir tanto as neuroses infantis quanto a violência originária de uma entrada conturbada da criança no meio social. Para Dolto, a maioria dos problemas de socialização e violência está relacionada a dificuldades experimentadas por ocasião das primeiras separações da criança do ambiente familiar; ou seja, as separações que acompanham o estabelecimento dos primeiros laços sociais. A diferença entre a *Maison Verte* e os outros espaços destinados aos cuidados da infância era exatamente a finalidade central do dispositivo, que segundo a autora, é o de uma abertura para a palavra. O objetivo desse trabalho é fazer uma reflexão de uma proposta de trabalho que foi inicialmente desenvolvida por Françoise Dolto apresentando a experiência de trabalho da Casa da Árvore e da Casa dos Cata-Ventos, inspiradas no modelo clínico da “Maison Verte”. Para tanto procuramos desenvolvê-lo através de uma revisão narrativa da literatura. A ideia da “Maison Verte” serviu de inspiração para iniciar duas experiências brasileiras com populações de baixa renda: A Casa da Árvore no Rio de Janeiro/RJ e a Casa dos Cata Ventos em Porto Alegre/RS.

“Maisons Vertes” — ou Casas verdes

Françoise Dolto, psicanalista francesa, propôs e implantou uma experiência sem precedentes na França, que dura até hoje e que teve reflexos no Brasil: as Casas Verdes (Pivot, 1987). Em 1979, Françoise Dolto, fundou a Maison Verte, um lugar criado para acolher os pais na solidão própria de se viver em um grande centro urbano e ajudar a oferecer



palavras que acompanhassem o processo de desenvolvimento de seus filhos. Para os pequenos, um espaço para ajudar a desfazer os nós tão comumente criados com a entrada no mundo compartilhado e, não menos importante, para brincarem e assim descobrirem sua criatividade. É um lugar de convívio. Lá, tudo que é dito sobre as crianças é dito também às crianças, com o objetivo de auxiliá-las, inserindo palavras onde há rupturas e provações. (MILMAN; CAVALCANTI, 2016).

De acordo com Milman (2008, p. 35), Dolto inaugura a Maison Verte atenta para a "enorme quantidade de crianças que, a partir do início da vida escolar, eram encaminhadas ao psicanalista com problemas já estruturados". Neste sentido, a preocupação de Dolto sempre foi à prevenção de patologias que poderiam se manifestar nas crianças após o ingresso na vida escolar, a fim de evitar que as experiências marcantes do início da vida viessem a cristalizar-se em sintomas. A ação preventiva considerada fundamental e prioritária é relativa à prevenção da violência, cuja raiz reside "não só em marcas vindas de uma identidade posta em perigo desde muito cedo, como também na cristalização de comportamentos surgidos já na fase em que a criança se relaciona socialmente tanto com outras crianças quanto com adultos" (MILMAN, 2008, p.35).

A Maison Verte surge portanto com objetivo de prevenir tanto as neuroses infantis quanto a violência originária de uma entrada conturbada da criança no meio social. Para Dolto, a maioria dos problemas de socialização e violência está relacionada a dificuldades experimentadas por ocasião das primeiras separações da criança do ambiente familiar; ou seja, as separações que acompanham o estabelecimento dos primeiros laços sociais, o que geralmente coincide com o ingresso dos pequenos nas creches. O atendimento oferecido pela Maison Verte em Paris às crianças e aos pais não se igualava àquele de uma creche ou jardim de infância marcando a diferença entre a Maison Verte e os outros espaços destinados aos cuidados da infância. Tratava-se, sim, de um espaço de conversa, onde pais, mães, avós seriam recebidos com suas crianças, e onde os pequenos poderiam fazer amigos. A intenção era a de assinalar que o registro com o qual aquele espaço buscava trabalhar não deveria ser entendido como uma resposta a uma demanda seja em termos de assistência ou educação. O



objetivo central do dispositivo, segundo a autora, é o de uma abertura para a palavra. (MALANDRIN, 2008, p. 21).

Casa da árvore – Projeto de Atenção à Infância e aos seus Cuidadores em favelas do Rio de Janeiro

A ideia da Casa Verde serviu de inspiração para iniciar uma experiência brasileira com populações de baixa renda. A Casa da Árvore é uma ONG voltada para a atenção à infância que está em atividade desde 2001. Ela nasceu da iniciativa das psicólogas LulliMilman e Maria Fernanda da Cunha Baines, como um Projeto de Extensão e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. O intuito era criar um serviço de atendimento psicológico dirigido ao público infantil que fosse efetivo e, ao mesmo tempo, pudesse contemplar um número significativo de crianças. As crianças que frequentam a Casa estão inseridas nas mais variadas constelações familiares. De modo geral, estão acostumadas a circular sozinhas pela comunidade, e os pais não demonstram muito interesse em conhecer o trabalho. (LIMA, 2010, p. 4).

A Casa da Árvore, embora encontre sua inspiração no modelo da Maison Verte, foi transformada e adaptada ao contexto social brasileiro, dedicando-se à prática de intervenção social em comunidades de favelas do Rio de Janeiro. A preocupação com a adaptação desse modelo à realidade das comunidades de baixa renda da cidade do Rio de Janeiro acompanha o projeto desde a fundação da primeira Casa, em 2001, no Morro dos Macacos. Trata-se de um espaço de convivência, onde se recebem crianças de zero a doze anos e seus responsáveis, cujo trabalho segue a perspectiva teórica psicanalítica. As crianças frequentam o espaço para brincar e conversar, visitando-o com a assiduidade que desejam, chegando e saindo quando lhes convém. As intervenções e a escuta se restringem à criança e a seu modo de estar naquele ambiente – às suas palavras, conflitos e brincadeiras. (LIMA, 2010, p. 4).

Ao longo da sua vida, cada vez mais, Winnicott afirmaria a importância vital do brincar para o desenvolvimento emocional do indivíduo. Pouco antes da sua morte, em 1971,



ele declararia de maneira enfática que o objetivo de toda análise deve ser o de favorecer a conquista dessa capacidade pelo paciente. No seu entender, o brincar é essencial porque é por meio dele que o indivíduo manifesta a sua criatividade primária - leia-se agressividade primária -, veículo primordial de toda e qualquer possibilidade de desenvolvimento. Trata-se de uma tese que ele formula da seguinte maneira:

A psicoterapia se efetua na sobreposição de duas áreas do brincar, a do paciente e a do terapeuta. A psicoterapia trata de duas pessoas que brincam juntas. Em conseqüência, onde o brincar não é possível, o trabalho efetuado pelo terapeuta é dirigido então no sentido de trazer o paciente de um estado em que não é capaz de brincar para um estado em que o é (WINNICOTT, 1971c, p. 59 - o grifo é do autor).

A Casa da Árvore, ao fomentar uma postura ética que tem por objetivo criar as condições necessárias para que o brincar aconteça, encontra enorme sintonia com as proposições de Winnicott. O brincar, sendo, por excelência, a morada da criatividade primária - leia-se agressividade primária, destrutividade primária, gesto espontâneo -, além de propiciar o aparecimento das condições favoráveis à experiência inaugural de ser, proporciona algo que é essencial a todo ser humano: oportunidades para drenar, de maneira segura, a maldade que existe em seu mundo interno. Para isso, no entanto, é imprescindível que o brincar seja a expressão manifesta do inter jogo entre o indivíduo e o seu entorno - um fenômeno transicional -, e não a mera repetição de um comportamento compulsivo. Algo que somente é possível de acontecer em um ambiente em que a criança possa confiar e se sentir segura. Ou seja, um ambiente que disponha de uma 'companhia viva', capaz de atendê-la em suas necessidades e sobreviver aos ataques de seus impulsos agressivos sem retaliação. Nessas condições, por meio de uma reciprocidade compartilhada, o brincar permite conjugar



intimidade e espontaneidade, propiciando a sustentação da regressão à dependência, essencial à proposta terapêutica do dispositivo (LIMA, 2010, p. 4).

Ainda que a orientação do trabalho tenha cunho psicanalítico, a formação pessoal de cada participante fica a critério de cada um - seja profissional ou estagiário -, o que resulta em um conjunto bastante diversificado. O trabalho se define como uma postura ética com relação à infância, ao mesmo tempo respeitosa e acolhedora. Um processo de construção coletiva submetido a constantes transformações. O que há em comum a toda a equipe de profissionais da Casa da Árvore é pautado em princípios como: "falar com as crianças enquanto sujeitos; valorizar e estimular a palavra de todos, facilitando a expressão de sentimentos bons e ruins, e favorecendo a relação entre as pessoas" (BARBOSA; SILVA, 2008, p.104). A própria dinâmica entre os profissionais é fator terapêutico na medida em que abre novas possibilidades identificatórias e novos modelos de comunicação e de vinculação.

A Casa dos Cata-Ventos

A Casa dos Cata-Ventos foi criada em 12 de julho de 2011, com uma proposta de trabalho com a infância que se situa na interface dos direitos humanos, da educação, da saúde coletiva e da assistência social. Tendo como inspiração o trabalho da Maison Verte, criada por Françoise Dolto em 1979, em Paris, e da Casa da Árvore, que, desde 2001, desenvolve trabalho semelhante em comunidades com alto índice de vulnerabilidade social no Rio de Janeiro. A Casa dos Cata Ventos possui como bússola a ética psicanalítica, sendo uma aposta clínica e política nas possibilidades da infância ter direitos: a brincar, a conversar, a contar histórias, isto é, uma aposta em direitos básicos e fundamentais a toda criança. (GAGEIRO; TOROSSIAN, 2016).

Fica localizada em um território da cidade de Porto Alegre chamado Vila São Pedro, nome oriundo da proximidade com o Hospital Psiquiátrico São Pedro. O trabalho é realizado por uma equipe de psicanalistas (numa parceria entre UFRGS e Instituto APPOA), mestrandos, residentes, bolsistas, estagiários e monitores. As crianças e os moradores



frequentam o lugar na medida em que querem. Não é uma escola, nem uma creche. É um lugar que acolhe a quem quiser chegar, na medida em que o diálogo se faz necessário. A proposta é criar um dispositivo do qual crianças e adultos possam se utilizar para ampliar suas chances de viver de modo mais autônomo, criativo e satisfatório possível. Há nesse projeto a junção de efeitos clínicos e políticos, não sendo a aplicação de um método, mas a construção de um espaço onde sejam possíveis o brincar e o conversar, recursos de simbolização e elaboração infantis. (GAGEIRO; ESTEVANELL; DE ALMEIDA; TOROSSIAN, 2015).

A Casa dos Cata-Ventos embora a preocupação com a educação e a formação das crianças esteja presente daqueles que lá trabalham. Não é um espaço de recreação, ainda que o brincar seja parte essencial do fazer. Não é um serviço de contra turno escolar, tão comum na rede sócio assistencial, embora se tenha um olhar sobre as necessidades socioeconômicas da população atendida e preocupação com a garantia dos seus direitos. Não é um consultório psicanalítico, por mais que os atos estejam fundamentados em sua ética. Na Casa dos Cata-Ventos não há cadastro de usuários nem de famílias, e todos que vierem serão acolhidos. A Casa não abre todos os dias e não há horário de entrada nem de saída. Mas, afinal, o que é a Casa dos Cata-Ventos? Poderia responder apressadamente: é um lugar de acolhimento da vida em comum. É um ambiente onde os adultos se ocupam com as crianças. É um tempo para experienciar à relação com o Outro com leveza. (PEDROSO; SOUSA, 2014, p. 2). Pois, é no testemunho, a partir do encontro mediado pela escuta, que pode haver compromisso e responsabilidade sobre o que se diz e se escuta. Encontro que, para que haja uma escuta (como define a psicanálise), é mediado por um “princípio de ignorância”, assim definido por Endo (2005, p. 265), tanto de quem escuta como de quem fala para o ainda não sabido surgir. Que este não-sabido possa sair da condição de objeto-dejeto em que a sociedade o coloca, para que a falta-a-ser não signifique uma ameaça, mas encontro com o qual pode se produzir o novo. (ROSA, 2002, p. 13).

A proposta é a de um espaço-tempo pautado na ética da psicanálise, em que os adultos se ocupem das crianças e dos adolescentes. Um lugar de acolhimento da vida comum,



sustentado por profissionais que recebem quem chega e que estejam disponíveis a falar com eles sobre o que lhes interessa e lhes faz questão. Espaço no qual o trabalho é orientado pela ética do *parlervrai* (Dolto, 2005) – a palavra ou fala verdadeira –, em que as crianças são tomadas enquanto sujeitos, e fala-se com crianças.

Como bem apontado por Bezerra (2008), cada uma das Casas é um experimento clínico. Assim, o Cata-Ventos, nomeação que as crianças atribuem ao projeto, nasce já articulado com a rede de Assistência Social do município de Porto Alegre e trabalha na direção de articulação intersetorial. Além de ser um trabalho da Psicanálise na cidade é um trabalho de Psicanálise que requer intervenção coletiva. Requer uma equipe afinada na qual cada pessoa conte com a outra para intervir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A ética psicanalítica e sua prática já ganharam lugar por sua função na saúde mental. Expandindo seu alcance, a psicanálise além dos muros pode oferecer cuidados em âmbitos sociais que estão adoecidos, oferecendo conhecimento e transformação. Nesse sentido, o mais potente que a psicanálise traz em relação à esses espaços é sua diferença de perspectiva. Pois, é necessário que o desejo se presentifique em nossa fala.

A originalidade destes espaços de cuidado está na possibilidade oferecida à criança de ser recebida e entendida na sua “fala cotidiana”, desse modo, a criança pode encenar seu “teatro íntimo”, já que se abre para ela um espaço onde pode ser compreendida. A estrutura desses dispositivos permite que a palavra cotidiana encontre um espaço de fluidez, sem ter estabelecido de antemão um único interlocutor para o qual a criança dirigiria sua fala, o que permite que a palavra se mantenha em seu caráter cotidiano. Ao ser reconhecido como sujeito desejante, a criança pode vir a expressar seus afetos e fantasias e dar ensejo ao trabalho de elaboração além dos muros. Onde quer que se insira, a psicanálise encontra-se às margens, permitindo criar pontes.



A necessidade instituída de que o paciente deve se adaptar ao tratamento submetido e suprimir os seus sintomas está em consonância com esse molde de viver. A contemporaneidade almeja a robotização, tanto no seu aspecto de comportamentos e reações desejáveis quanto no aspecto não humano, ou seja, sem conflitos e sem sofrimento. A psicanálise segue na contramão desse processo ao defender a impossibilidade de erradicação do sofrimento, e aposta na singularidade do sujeito em detrimento da robotização dos indivíduos. Mezan (2005) refere-se a uma infantilização crescente das pessoas, a uma tendência a evitar a responsabilidade individual – tendência que coloca em risco a autonomia, valor herdado do Iluminismo e que a psicanálise considera imprescindível. Em consequência, a psicanálise é rotulada de inapropriada aos tempos atuais, resistente às descobertas científicas, incapaz de se adequar.

Somente com uma provisão ambiental satisfatória, os processos maturacionais da criança podem se desenvolver de forma apropriada. A oposição sensível e responsiva de uma companhia viva é condição fundamental para a jornada que se inicia na paradoxal experiência criativa de destrutividade primária, chegando até a conquista pela criança dos sentimentos normais de ódio e agressão. Somente nessas condições, revela-se o valor positivo da agressão e da destruição, tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Para tal, é essencial que, nesse percurso, além de um ambiente confiável e seguro, as crianças possam dispor de oportunidades para contribuir, para a atividade criativa, para o jogo imaginativo e para o trabalho construtivo.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR 10520*: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2002.

BARBOSA, C.A; SILVA, M.N. A. *Um lugar para brincar e conversar*. In: MILMAN, L.; BEZERRA JR., B. (orgs.). *A Casa da Árvore: Uma experiência inovadora na atenção à infância*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008, p. 15- 29. DOLTO, F. *Les grands entretiens de Bernard Pivot: Entrevista*. Direção de Nicolas Ribowsky. Produção Ina. Paris: Gallimard. 1 DVD (168 min.). (2003).



BEZERRA JR, Benilton. Os desafios de um experimento. In: MILMAN, Lulli, BEZERRA JR, Benilton. *A Casa da Árvore* uma experiência inovadora na atenção à infância. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

DOLTO, Françoise. *A causa das crianças*. São Paulo: Ideias e Letras. 2005.

ENDO, Paulo Cesar. *A violência no coração da cidade*. São Paulo, Escuta, 2005.

GAGEIRO, AM; ESTEVANELL, ET; DE ALMEIDA, RMC; TOROSSIAN, SD. Casa dos Cata-Ventos: uma estratégia clínica e política na atenção à infância. *Rev. Assoc. Psicanal.* Porto Alegre, n. 247 - agosto de 2015.

GAGEIRO, AM; TOROSSIAN, SD. *A Casa dos Cata-Ventos: história e fissuras na práxis burguesa da psicanálise*. *Rev. Assoc. Psicanal.* Porto Alegre, n. 257 - julho de 2016.

KUPFER, M.C. *Françoise Dolto, uma médica da educação*. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*. Fortaleza: v. VI, no. 2, , set. 2006.

LIMA, Beatriz de Souza. *Casa da árvore, um lugar para brincar e conversar: uma proposta de atendimento coletivo para crianças de zero a doze anos em comunidades carentes do Rio de Janeiro e Niterói*. *Estud. psicanal.*, Belo Horizonte , n. 33, p. 33-48, jul. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000100004&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 23 out. 2019.

MALANDRIN, M-H. *Le papa, c'est lui qui dit*. In: SCHAUDER, C. (org.). *Lire Dolto* Aujourd'hui. Toulouse: Érès, 2008, p. 13-25.

MILMAN, Luli; CAVALCANTI, LV. *Limites e transgressões: uma breve reflexão sobre o estabelecimento de regras num espaço de palavras e brincadeiras no Rio de Janeiro*. *Rev. Assoc. Psicanal.* Porto Alegre, jun. 2016.

MILMAN, Luli, BEZERRA Jr, Benilton (org.) *A Casa da Árvore: uma experiência inovadora na infância*. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

MILMAN, Lulli. *Casa da Árvore: a ética de Françoise Dolto nas favelas cariocas*. *Pulsional Revista de Psicanálise*, ano XVII, n. 18, p. 49-59, 2005. Acesso em: 6 jul. 2018.

PEDROSO, AB; SOUSA, ELA. *A CASA DOS CATA-VENTOS: uma aposta na dimensão política do brincar*. *Rev. Assoc. Psicanal.* Porto Alegre, n. 45-46, p.122-134, jul. 2013/jun. 2014.



ROSA, Miriam Debieux. *“Uma escuta psicanalítica das vidas secas”*. In: Textura. Revista de Psicanálise, n. 2, USP, São Paulo, 2002.

VICTOR, Rita Meurer; AGUIAR, Fernando. *A clínica Psicanalítica na Saúde Pública: desafios e possibilidades*. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 31, n. 1, p. 40-49, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000100005&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 25 out. 2020. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000100005>.